

## A *Biblioteca Pedagógica Brasileira* da Companhia Editora Nacional e o ensino de matemática: livros, autores e estratégias editoriais

Maria Ângela Miorim\*

### Resumo

Este artigo apresenta um estudo histórico das publicações relacionadas ao ensino da matemática que compõem as Coleções *Atualidades Pedagógicas* e *Livros Didáticos* da *Biblioteca Pedagógica Brasileira* da Companhia Editora Nacional produzidas nas décadas de 1930 a 1950. Além de uma apresentação contextualizada das obras e de seus autores, buscamos analisar algumas estratégias utilizadas pela Companhia Editora Nacional na divulgação dessas produções, em especial nas páginas de sua *Revista Atualidades Pedagógicas*.

*Palavras-chave:* Livros; Autores; Estratégias de publicação.

### Mathematics education in *Biblioteca Pedagógica Brasileira* of the Companhia Editora Nacional

### Abstract

This article presents a historical study of publications related to the mathematics education of the Coleções *Atualidades Pedagógicas* and *Livros Didáticos* of the *Biblioteca Pedagógica Brasileira* of the Companhia Editora Nacional produced between the 1930s and 1950s. We make an attempt to study the workmanships and its authors within the production context and we analyze some strategies used for the Companhia Editora Nacional in the spreading of these productions, in special in the pages of its *Atualidades Pedagógicas Magazine*.

*Keywords:* Books; Authors; Publishing strategies.

### Introdução

No cenário político-educacional das décadas de 1920 e 1930, no qual à educação é atribuído um papel central para as transformações culturais e sociais necessárias à modernização do país e em que se manifesta explicitamente o conflito entre os projetos político-pedagógicos de dois grupos – “renovadores” e “conservadores” –, a Companhia Editora Nacional daria início a um amplo projeto editorial de caráter nacionalista e renovador, por meio da criação, em 1931, sob a direção de Fernando de Azevedo, de sua *Biblioteca Pedagógica Brasileira*.

Com a intenção de atingir um público amplo e diversificado, a *Biblioteca Pedagógica Brasileira* é estruturada em cinco coleções, denominadas séries: *Literatura Infantil*, *Livros Didáticos*, *Atualidades Pedagógicas*, *Iniciação Científica* e *Brasileira*. As três primeiras séries eram dirigidas ao público escolar, respectivamente, às crianças, aos “estudantes de todas as escolas primárias, profissionais, secundárias e superiores” e aos “professores de todos os graus de ensino” (Roxo, 1937, orelha). A 4ª série, que seria iniciada apenas em 1937, sob a direção de Arthur Ramos, pretendia atingir tanto

o “público escolar” quanto “a população extra e post-escolar” (Roxo, 1937, orelha). Apesar de todas as coleções integrarem o projeto nacionalista da Companhia Editora Nacional, seria na sua 5ª série, a *Brasileira*, iniciada em 1931, com a intenção de ser “a mais vasta e completa coleção e sistematização de estudos brasileiros”, que esse projeto se concretizaria de forma mais explícita (Roxo, 1937, orelha).

A série *Atualidades Pedagógicas*, concebida como um projeto para “formação e aperfeiçoamento cultural e profissional do professor” (Roxo, 1937, orelha), em seus cinquenta e seis anos de existência publicaria apenas dois volumes dirigidos aos professores de matemática.

A primeira dessas publicações, lançada em 1937, identificada como o volume 25 da coleção, é de autoria do professor Euclides Roxo e intitula-se *A matemática na educação secundária*. A escolha desse autor confirma as intenções do diretor Fernando de Azevedo de publicar obras de professores brasileiros de alguma forma vinculados ao seu projeto político-pedagógico de renovação educacional, que seriam complementadas por traduções de autores “ligados ao movimento de desenvolvimento do campo da Educação e da Escola Nova” (Toledo, 2001, p. 77). Euclides Roxo era o

\* Endereço para correspondência:  
E-mail: miorim@unicamp.br

professor de matemática brasileiro que mais correspondia ao perfil procurado por Azevedo. Além da participação ativa nas atividades da Associação Brasileira de Educação,<sup>1</sup> da colaboração na Reforma de Anísio Teixeira no Distrito Federal, da atuação como professor do Instituto de Educação, Euclides Roxo foi o principal responsável pelas mudanças propostas para o ensino de matemática da escola secundária no Colégio Pedro II, em 1929, e na Reforma Campos, em 1931. A apresentação da conferência intitulada *A matemática e o curso secundário*,<sup>2</sup> dentro da série de conferências organizada pela Associação Brasileira de Educação no período de maio a agosto de 1937, que visava subsidiar as discussões ocorridas naquele momento sobre a reorganização do ensino secundário, seria uma outra oportunidade para Euclides Roxo manifestar suas vinculações às propostas reformadoras e fortalecer a sua potencialidade como autor da coleção *Atualidades Pedagógicas*. Nessa oportunidade, o autor utiliza opiniões de renomados autores, principalmente franceses e alemães, para defender a manutenção das mudanças propostas pela Reforma Francisco Campos para o ensino de matemática do nível secundário.

A obra *A matemática na educação secundária* seria publicada em setembro de 1937, mesmo ano da conferência. A capa com cores contrastantes, as informações sobre a *Biblioteca Pedagógica Brasileira* e a série *Atualidades Pedagógicas* nas orelhas, a listagem com as obras já produzidas pela coleção, a apresentação do autor, são elementos característicos da coleção nesse período. A apresentação do autor é uma estratégia utilizada pelos editores para que “o leitor, já na página de rosto, reconheça que o autor tem autoridade e méritos, formação e conhecimento para constituir os conteúdos dispostos no volume” (Toledo, 2001, p. 155-6). Euclides Roxo é apresentado como “catedrático de Matemática do Colégio Pedro II e professor-chefe de Matemática do Instituto de Educação do Rio de Janeiro” (Roxo, 1937, página de rosto). Essa apresentação garante a competência do autor em matemática ao mesmo tempo em que aponta a sua experiência na formação de professores em uma instituição com proposta renovadora. Esses aspectos tornam-se relevantes uma vez que a obra se dirige “aos estudantes das escolas de professores secundários” (Roxo, 1937, p. 8).

Na introdução de *A matemática na educação secundária*, Euclides Roxo alerta o leitor para o fato de que na obra não estão expressos “nenhuma idéia original, nenhum ponto de vista pessoal”, mas apenas “opiniões abalizadas sobre as questões mais relevantes e de ordem mais geral, relativas ao ensino da matemática” (Roxo, 1937, p. 6). Essa opção do autor, conforme sua

própria avaliação, acaba impondo uma quantidade excessiva de citações que quase a transformam “numa simples coletânea”. “Procurando indicar e caracterizar as principais tendências e diretivas do movimento de reforma”,<sup>3</sup> a obra utiliza, em suas 285 páginas, uma bibliografia composta por noventa e nove publicações de autores nacionais e estrangeiros relacionados em sua maior parte a movimentos renovadores (Roxo, 1937, p. 6). Fiel à decisão do autor em abordar “questões mais gerais, para só acidentalmente tratar de um ou outro pormenor relativo à metodologia”, uma vez que essa temática deveria ser objeto de um outro volume, que não chegou a ser produzido, o livro é estruturado em doze capítulos (Roxo, 1937, p. 7).<sup>4</sup> Nos dois primeiros capítulos são apresentados breves estudos sobre a evolução do pensamento matemático e do ensino de matemática. Em seguida, são discutidas temáticas relacionadas às contribuições da “moderna psicologia” para o ensino da matemática, tais como transferência, intuição e lógica. Os capítulos finais são reservados à análise dos valores e objetivos do ensino de matemática, da escolha e organização da matéria, e de aspectos centrais dessas temáticas que eram defendidos pelos reformadores, tais como: o pensamento funcional, a “fusão” dos conteúdos matemáticos e as aplicações da matemática.

Em 1957, vinte anos depois da publicação da obra de Roxo, seria publicado o segundo e último volume<sup>5</sup> relacionado ao ensino da matemática, com características muito diferenciadas das do primeiro livro. O diretor da coleção *Atualidades Pedagógicas* nesse momento era J. B. Damasco Penna.<sup>6</sup>

Intitulado *A pedagogia das matemáticas* e identificado como o volume 63 da série, esse segundo volume é uma tradução de *La pédagogie des mathématiques* de autoria de André Fouché, publicado na *Nouvelle encyclopédie pédagogique* em 1952, com tradução de Luís Magalhães de Araújo e Antônio Sales Campos, professores do Colégio Rio Branco de São Paulo. Essa publicação insere-se na nova política editorial proposta por Penna, de valorização da produção de traduções, em que eram privilegiadas as obras de autores franceses “publicados pela *Presses Universitaires de France* – PUF, e as suas diferentes coleções voltadas para os educadores, sobretudo os volumes da *Nouvelle encyclopédie pédagogique*” (Toledo, 2001, p. 108).

Em *A pedagogia das matemáticas*, André Fouché, “antigo aluno da Escola Normal Superior de Paris, ‘Agrégé’ da Universidade e Doutor em Ciências” (1957, página de rosto), discute aspectos relacionados ao ensino de dois temas: álgebra e geometria. Em uma linguagem simples, o autor vai discorrendo sobre o tema em questão apresentando alguns elementos

históricos, analisando aspectos variados do processo de ensino–aprendizagem e posicionando-se com relação à forma como os temas devem ser tratados. Apesar de apresentar posições que são manifestadas por outros autores, nenhuma menção a outros livros ou autores é feita durante o texto, nenhuma citação é utilizada e não é apresentada uma bibliografia. Na seção Bibliografia, do número 40 da *Revista Atualidades Pedagógicas*, lançada pela editora em 1950, a obra de Fouché é apresentada como dirigida ao “ensino de grau médio”. Nessa apresentação são valorizados dois aspectos da obra: a abordagem metodológica do autor e a importância do professor (autor) na produção de obras dirigidas ao ensino. Com relação ao primeiro aspecto, o texto concorda com a prudência do autor em adotar uma posição não-radical em sua abordagem metodológica, ou seja, a de desenvolver os tópicos principais da álgebra e da geometria combinando “em judiciosa proporção, o dogmatismo e o método heurístico (a propósito dos quais expende, aliás, considerações da maior pertinência)”. O argumento utilizado pelo texto para justificar a característica, naquele período peculiar, da obra de Fouché de manifestar apenas opiniões pessoais, sem dialogar com autores da literatura especializada, diz respeito à importância do professor no processo de ensino–aprendizagem da matemática:

*Todo o trabalho [de Fouché] está inspirado na compreensão de que, alicerçado embora em resultados de investigação científica, o ensino tem sempre uma parte considerável de criação pessoal do mestre, a quem cumpre ajustar meios e fins e dar vida, assim, à idéia de método, que outro não é o nome desse ajustamento. Ao mestre é que cabe, realmente, pelo bom conhecimento da disciplina em si mesma (necessário, mas insuficiente), e de sua função no currículo e, por outro lado, pela atenção diligente às possibilidades do educando, planejar e realizar a adequação do ensino, quiçá mais imperiosa quando se trata das matemáticas (Revista Atualidades Pedagógicas, n. 40, p. 33, grifos do autor)*

No livro de Fouché, como em outras obras da série *Atualidades Pedagógicas* do mesmo período, duas estratégias editoriais são utilizadas, com o objetivo de orientar o professor na busca por livros de seu interesse. Ao final da obra, é colocada a listagem completa das obras publicadas pela série com asteriscos em alguns livros, aqueles que se aproximam do tema da obra que o professor tem em mãos. Na obra de Fouché são assinalados os volumes 15 e 25, respectivamente, *Didática da escola nova*, de A. M. Aguayo, que já se encontrava em sua 10ª edição,<sup>7</sup> e *A matemática na educação secundária*, de Euclides Roxo. Após a listagem, em uma

página separada, encontra-se uma *Classificação ideológica das obras desta coleção*. Nessa classificação são apresentadas treze categorias,<sup>8</sup> com os volumes das obras correspondentes. As duas obras de matemática são incluídas na categoria *Metodologia didática*.

A segunda série da *Biblioteca Pedagógica Brasileira* da Companhia Editora Nacional é reservada aos *Livros Didáticos*. Trata-se de um projeto ambicioso que pretendia contemplar obras escolares para os vários níveis e modalidades de ensino. A editora se propunha a produzir

*a mais ampla e variada coleção que já se tentou no Brasil, de obras escolares destinadas a todos os graus de ensino, isto é, de manuais, livros de texto e livros-fontes, para alunos das escolas primárias, secundárias (gerais e profissionais), normais e superiores (Stávale, 1937, contracapa)*

Apesar de se propor a produzir livros didáticos para todos os níveis de ensino, a Companhia Editora Nacional continuaria a privilegiar a produção de livros didáticos para o ensino secundário, posição editorial assumida desde o início de suas atividades.<sup>9</sup>

### **A Biblioteca Pedagógica Nacional e os livros didáticos de matemática**

A política adotada pela Companhia Editora Nacional para os livros didáticos insere-se no projeto político-pedagógico de renovação escolar defendido por Fernando de Azevedo de “uma ofensiva contra a literatura escolar tradicional, viciada, antiquada e mal apresentada, que é um dos últimos redutos de resistência da escola tradicional” (Azevedo apud Toledo, 2001, p. 175).

Os aspectos do projeto de renovação da editora – a defesa de um ensino que despertasse o interesse do estudante, ao invés da simples transmissão de conteúdos; a valorização do papel do professor no processo de ensino–aprendizagem e na elaboração de livros didáticos; etc. – associados aos seus interesses comerciais produzem um discurso no qual o livro didático torna-se um agente decisivo das mudanças pretendidas.

*Se é “o mestre que faz a escola”, não menos verdade que “ao mestre o fazem, em grande parte, as circunstâncias em que se vê obrigado a trabalhar”. O livro é um dos seus “instrumentos de trabalho”; quanto mais útil e aperfeiçoado o “material de estudos”, que puçermos nas mãos dos alunos, tanto maior a eficiência com que o mestre desenvolverá o seu plano de ação, com economia*

*de tempo e de esforços.* (Stávale, 1937, contracapa)

Além do cuidado com a edição dos livros, da divulgação de catálogos, de propagandas em jornais, a editora utilizava outros recursos para incentivar a utilização de sua série de *Livros Didáticos*. Em um catálogo para o ano de 1936, por exemplo,

*reserva espaço importante para ensinar aos professores e diretores dos estabelecimentos escolares – o público alvo do catálogo – como escolher o melhor livro didático.* (Dutra, 2004, p. 10)

Uma síntese dos principais critérios apresentados nesse catálogo para a escolha de “um bom livro didático” estaria presente em todos os números da *Revista Atualidades Pedagógicas*. Especialmente colocado em espaços existentes ao final dos artigos, muitas vezes em destaque dentro de um quadro, sob o título *Como escolher um bom livro didático*, o pequeno texto era iniciado com uma afirmação que lhe conferia confiabilidade: “a opinião unânime de autoridades em literatura escolar”. Em seguida, eram apresentados “os seguintes requisitos essenciais, quanto à substância, à forma e ao método” de um bom livro didático:

1º) *exatidão da matéria tratada;* 2º) *clareza e segurança na exposição;* 3.º) *didaticidade e método dos assuntos;* 4º) *perfeição tipográfica e* 5º) *boa apresentação material.* (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 1, p. 34)

As estratégias editoriais adotadas pela editora na produção, divulgação e incentivo à utilização de seus novos livros didáticos refletem uma experiência acumulada, bem como uma postura editorial profissional e eficaz. A importância editorial dessa série na *Biblioteca Pedagógica Brasileira* pode ser avaliada pelas quantidades de volumes impressos pelas cinco séries no período de 1931 e 1939. Enquanto na série *Livros Didáticos* foram lançados 223 volumes, as demais séries, *Literatura Infantil*, *Atualidades Pedagógicas*, *Iniciação Científica* e *Brasileira*, lançaram, respectivamente, 29, 31, 16 e 131 volumes (Toledo, 2001, p. 65).

Os primeiros livros didáticos de matemática produzidos durante a década de 1930 pela Companhia Editora Nacional na Série II de sua *Biblioteca Pedagógica Nacional* foram cinco volumes da coleção *Mathematica* de autoria de Jacomo Stávale, professor de matemática de várias escolas de São Paulo.<sup>10</sup> Com tiragens iniciais de cinco mil exemplares por edição, esses volumes correspondiam aos números 12, 13, 21, 35 e 69 da série *Livros Didáticos* e eram destinados às cinco séries do

ciclo fundamental do curso secundário.<sup>11</sup> Nas capas dos livros da coleção eram apresentadas as seguintes informações: Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série II, Livros Didáticos e volume. Além dessas informações, a capa trazia o nome do autor, o nome da editora, a edição e a quantidade de exercícios. Essa quantidade era, respectivamente, 2.400, 2.000, 900, 900 e 1.100, para o primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto anos.

Embora o discurso da editora, especialmente nas palavras de Fernando de Azevedo, fosse o de produzir livros didáticos com características renovadoras que pudessem se constituir em “uma ofensiva contra a literatura escolar tradicional, viciada, antiquada e mal apresentada”, os livros de Jacomo Stávale, recordistas desse segmento do mercado editorial,<sup>12</sup> não tinham essas características. Apesar de suas obras apresentarem os conteúdos propostos pela Reforma Francisco Campos, o professor Jacomo Stávale não assume as orientações metodológicas propostas pela “nova orientação do ensino”. O autor concorda que seria conveniente “os quatro ramos da matemática elementar” serem abordados “paralelamente desde o primeiro ano do curso ginásial”, mas considera que “o ensino simultâneo destes quatro ramos não pode ser feito atabalhoadamente, como o pretendem alguns autores” (Stávale, 1932, p. VIII). Por essa razão, Stávale apresenta em seus livros os assuntos de maneira compartimentalizada, “como os livros de uma biblioteca” (p. VIII). Outros aspectos da obra de Stávale – utilização do método dedutivo no primeiro ano do ensino secundário, uso excessivo da linguagem matemática, sem articulação com outras linguagens, não-utilização do conceito de função como elemento unificador, uso de aplicações apenas em exercícios ao final de alguns capítulos – confirmam a sua resistência à introdução de elementos renovadores (Souza, 1998). No prefácio da segunda edição de seu *Primeiro ano de matemática*, Stávale manifesta explicitamente sua posição cautelosa em relação às novas propostas, ao mesmo tempo em que responde às críticas feitas aos seus livros:

*Aos que me chamarem de retrógrado ou antiquado ou coisa que o valha responderei que, compreendendo perfeitamente que os métodos antigos para o ensino da matemática devem ser profundamente modificados, não há, entretanto, razão para exagerar a nova orientação e fazer do ensino da matemática um verdadeiro caos. Eu prefiro ficar entre as duas correntes, aproveitando o que há de bom na escola antiga e na moderna.* IN *MEDIO VIRTUS*. (Stávale, 1942, p. XII)

Além dessas obras, Stávale publicou outros livros que não faziam parte da série didática. Um desses livros, intitulado *Geometria plana*, era destinado inicialmente “para o terceiro ano dos cursos ginásiais e para as escolas normais oficiais e livres”, sendo ampliado posteriormente para o uso “no terceiro e quarto anos” dos mesmos cursos. A não-inclusão desta obra na série *Livros Didáticos* parece confirmar que os editores, embora estivessem investindo em propostas mais atualizadas para o ensino secundário, não deixaram de investir na publicação de obras destinadas a outros cursos, que ainda mantinham programas “mais tradicionais” e que tinham um público consumidor garantido.

Uma outra coleção de cinco volumes, intitulada *Exercícios de matemática*, com respostas de exercícios propostos nos volumes da coleção *Mathemática* do autor e, em alguns volumes, com a inclusão de novos exercícios, também seria produzida pela Companhia Editora Nacional e não faria parte da série didática. Essa coleção, entendida como um livro complementar, era produzida em uma edição de menor qualidade, em formato brochura, com um tipo de papel inferior. Dirigidos aos alunos, esses livros refletiam a postura do autor com relação ao papel dos exercícios no processo de ensino-aprendizagem do ensino de matemática. No prefácio da primeira edição de seus *Exercícios de matemática – terceiro ano*, Jacomo Stávale comenta sobre a forma como os exercícios eram utilizados em suas aulas. Diariamente, o professor passava a seus alunos alguns exercícios variados de seu livro *Mathemática* da série correspondente, acompanhados dos resultados, para serem resolvidos como tarefa de casa. Na aula seguinte, ele verificava as respostas dos alunos que marcavam com “lápiz vermelho, e com as letras **C** ou **E**, as questões que acertaram e as que erraram”. Para o professor-autor, essa seria a melhor forma de serem trabalhados os exercícios de matemática, uma vez que:

*Os estudantes, conhecendo os resultados das questões propostas, verificam imediatamente o seu trabalho; quando não acertam, na primeira vez, recomeçam, recorrem aos colegas, enfim, empregam todos os esforços possíveis para chegarem ao resultado. E se não conseguem mesmo acertar, lançam sobre a questão o tradicional **E** e, no dia seguinte, dão-se pressa em interpelar o professor, visto que eles querem saber por que não acertaram!* (Stávale, 1942, p. VI)

No prefácio das obras das coleções *Mathemática* e *Exercícios de matemática*, o professor Jacomo Stávale, além de expressar algumas posições acerca de opções teórico-metodológicas assumidas, dialoga com os

leitores-professores, especialmente por meio da solicitação de que se manifestem diretamente a ele sobre erros, explicações ou outras questões relacionadas aos textos apresentados. No prefácio de seus *Exercícios de matemática para o quinto ano*, assim se dirigia Stávale aos seus colegas-professores:

*Tornando à casa, ao meio-dia, depois do primeiro período do meu trabalho diário, encontro, às vezes, uma carta na qual um colega aponta um erro existente em meus livros, ou pede uma interpretação ou explicação, ou faz uma sugestão qualquer, etc. Esta carta é, para mim, motivo de indisfarçável prazer. Continuem, os meus colegas, a auxiliar-me com os seus conselhos, para que eu possa melhorar a série dos meus compêndios os quais, embora longe da perfeição, todavia refletem, indiscutivelmente, a minha grande e sincera vontade de facilitar o estudo da matemática aos alunos das escolas secundárias do nosso querido Brasil.* (Stávale, 1939, p. VII)

Apesar da solicitação de Stávale para que seus colegas contribuíssem com a melhoria de suas obras, por meio do envio de cartas a ele dirigidas sobre problemas encontrados, a disputa existente naquele período para a imposição de uma proposta político-pedagógica para o ensino, em particular para a matemática, associada diretamente à disputa pelo mercado editorial de livros didáticos, desencadearia a apresentação de críticas públicas ao seu livro por parte de Julio César de Mello e Souza, autor de livros didáticos da Editora Francisco Alves,<sup>13</sup> concorrente da Companhia Editora Nacional nesse mercado. A Companhia Editora Nacional levantar-se-ia em defesa de seu autor publicando um pequeno volume, intitulado *Coisas da... matemática*, no qual dois artigos eram reservados para a apresentação de defesas da obra, um pelo próprio autor e outro por um professor de matemática que adotava o seu livro (Valente, 2003, p. 156).<sup>14</sup>

Durante o Estado Novo, com a Reforma do Ensino Secundário proposta pelo ministro Gustavo Capanema em 1942, que alterava a estrutura desse nível de ensino<sup>15</sup> e estabelecia novos programas para as disciplinas escolares, as editoras iniciaram um movimento de reestruturação de suas obras didáticas.

A coleção de Jacomo Stávale, agora intitulada *Elementos de matemática*, passa a ser composta por quatro volumes, identificados como os de números 113, 121, 126 e 136 da série *Livros Didáticos* da *Biblioteca Pedagógica Brasileira*.

Uma nova coleção de livros didáticos de matemática começaria nesse período a fazer parte da

Série II da *Biblioteca Pedagógica Brasileira*. Trata-se da coleção *Matemática* para os quatro anos do curso ginásial do tenente-coronel professor Ary Quintella, do Colégio Militar. Além dessa coleção, o professor Ary Quintella publicaria livros dirigidos aos cursos científico e comercial, aos concursos de escolas superiores e dos cursos normais e ao curso de admissão. Algumas dessas obras foram escritas em parceria com outros autores. A *Questões de concurso nas escolas superiores* foi produzida em colaboração com o professor Victalino Alves e o *Exercícios de aritmética* para o curso de admissão, em colaboração com o professor Newton O'Reilly.

Outras obras didáticas, não pertencentes à série didática de sua *Biblioteca Pedagógica Brasileira* nem a autores dessa série, seriam ainda publicadas pela Companhia Editora Nacional nesse período. Dentre essas obras, encontram-se os três volumes de *Matemática* para o curso propedêutico, de autoria dos professores Carlos Caliolí e Nicolau D'Ambrosio. Esses volumes integram uma outra coleção de livros didáticos publicada pela Companhia Editora Nacional, denominada *Coleção Dom Bosco*, dirigida aos cursos propedêuticos e às escolas de comércio.

O estabelecimento da Constituição de 1946, que atribuía à União a responsabilidade pelas diretrizes e bases da educação nacional, traria novamente à cena as várias tendências existentes e desencadearia um novo e longo debate sobre questões educacionais. Foram treze anos, do encaminhamento à Câmara Federal, em outubro de 1948, do projeto de reformulação da educação brasileira elaborado pela comissão nomeada pelo então ministro da Educação Clemente Mariani, até a aprovação final da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em dezembro de 1961. Durante esse período, continuava em vigor a Reforma Capanema, que ia sofrendo alterações por meio de portarias ministeriais, decretos e leis. Em outubro de 1951, a portaria ministerial n.º 966 apresenta os novos programas para o curso secundário elaborados pela Congregação do Colégio Pedro II.

Atenta às mudanças que estavam ocorrendo no cenário nacional, em particular ao crescimento do número de escolas, a Companhia Editora Nacional, após a divulgação das portarias ministeriais de 1951, amplia e diversifica o rol de autores de livros didáticos de matemática.

Utilizando o seu melhor instrumento de divulgação de livros novos, a Companhia Editora Nacional informa aos professores e diretores do curso secundário no número 17 de sua *Revista Atualidades Pedagógicas*, de setembro e outubro de 1952, que:

*empenhada como sempre em bem servir o magistério do país, tem a satisfação de comunicar [...] que, entre as*

*suas inúmeras edições didáticas já se acham em preparo gráfico, atualizadas de acordo com os novos programas, conforme portaria de n.º 966 (2/10/51) e n.º 1.045 (14/12/51), as obras a seguir relacionadas, para serem publicadas antes do início do período letivo de 1953. (Revista Atualidades Pedagógicas, n. 17, p. 32)*

Em seguida, a editora lembra ainda aos “Diretores e Professores”, que, “como de costume”, tinha a intenção de enviar exemplares dessas publicações para que eles pudessem, com tempo, analisá-las, solicitando a gentileza de que entrassem em contato com ela, caso houvesse atraso ou extravio, e agradecendo antecipadamente “qualquer sugestão ou parecer sobre as novas edições didáticas”.

Na listagem de livros didáticos para as várias disciplinas, encontram-se as seguintes obras de matemática: *Elementos de matemática*, 1ª e 2ª série de Jacomo Stávale; *Matemática*, 1ª e 2ª séries, de Ary Quintella; *Matemática*, de Tales M. Carvalho, 1º e 2º anos do colegial; *Matemática*, de Osvaldo Sangiorgi, 1ª série ginásial e *Matemática* de Jairo Bezerra, 1ª série ginásial. As três últimas obras aparecem em negrito, por se tratar de “novidades didáticas” para 1953.

#### **A Revista Atualidades Pedagógicas e os autores de livros didáticos de matemática**

Fiel aos objetivos da editora, de se colocar “ao serviço da unidade nacional tomando a educação como denominador”, a *Revista Atualidades Pedagógicas* coloca-se como um veículo de divulgação dos educadores brasileiros,

*abrigoando, em suas páginas, a palavra do pesquisador e do especialista, do teórico da educação, a do que concluiu uma experiência objetiva e a do que traz consigo, por mais modesto que seja, uma notícia ou uma comunicação daquilo que realizou e que reflete sua experiência e seus trabalhos. (Revista Atualidades Pedagógicas, ano 1, n. 1, p. 1, jan./fev. 1950)*

Além da divulgação de textos que pudessem contribuir direta ou indiretamente para a atuação do profissional em sua atividade docente, a revista também se propõe a colaborar com o professor na resolução de questões ligadas à sua vida profissional, por meio da divulgação da legislação e de esclarecimentos acerca de aspectos burocráticos exigidos para o seu cumprimento. Dirigida aos professores, em especial do ensino secundário e superior, cada exemplar da revista, normalmente com 48 páginas, apresentava pequenas matérias abordando

temáticas educacionais variadas, reportagens sobre instituições escolares particulares ou oficiais e informações sobre a legislação educacional. Essas matérias eram intercaladas com propagandas de diversos produtos,<sup>16</sup> em particular de livros de natureza variada produzidos por várias editoras, nem sempre pertencentes ao grupo da Companhia Editora Nacional. Cada exemplar avulso da revista era vendido inicialmente pelo preço de Cr\$ 4,00 e o valor da assinatura anual era de Cr\$ 20,00.<sup>17</sup>

Lançada inicialmente com periodicidade bimestral, sendo o primeiro número referente ao período de janeiro e fevereiro de 1950, a revista passaria a ser quadrimestral a partir de seu número 35, setembro-dezembro de 1955,<sup>18</sup> pela decisão dos editores em desdobrá-la em duas publicações: uma de caráter “técnico, pedagógico e cultural” e outra de caráter informativo.

Nos cinco primeiros anos de existência, a *Revista Atualidades Pedagógicas* publicou cinquenta e quatro textos relacionados ao ensino da matemática. Em apenas dois desses textos, provavelmente produzidos pelos editores, não são identificados os autores, os demais são assinados por vinte autores diferentes. Os textos, em sua maioria, são breves, tendo cada um deles em média uma página. Não é feito nenhum comentário acerca da forma como os textos foram selecionados e não são explicitadas normas para publicação. Entretanto, alguns desses textos foram, provavelmente, encomendados pelos editores aos autores de livros didáticos da editora. Nesses artigos os autores expõem pontos de vista ou apresentam soluções de questões apresentadas em concursos, sempre em temáticas diretamente associadas aos livros publicados.

No primeiro número da revista, a diagramação utilizada para os artigos manifesta a intencionalidade de direcionar a leitura de seus leitores e de divulgar os autores de sua série *Livros Didáticos*. Em cada artigo, antes do título é colocada uma frase que pretende informar acerca do objetivo maior do artigo e, após o título e o nome do autor, é colocado um quadro com um desenho do busto do autor, tendo ao lado alguns dados bibliográficos, particularmente acerca de sua formação, das atividades profissionais desenvolvidas e dos livros publicados pela Companhia Editora Nacional. Os três artigos relacionados ao ensino da matemática, publicados nesse primeiro número da revista, são escritos por autores de livros didáticos da editora.

Apresentado pela expressão “Tentativa de uniformização do emprego de símbolos atuariais”, o primeiro artigo – *Os símbolos internacionais e a matemática financeira* –, de autoria de Thales Mello Carvalho,<sup>19</sup> diz

respeito aos símbolos utilizados na “matemática dos seguros”, denominada “matemática atuarial”. Partindo das decisões de um congresso internacional de atuários ocorrido em 1898, o professor de “ciências matemáticas” e autor de livros didáticos para o “colégio” e “curso técnico” apresenta sua posição com relação à uniformização de símbolos que se relacionam diretamente à matemática financeira. Amparado em sua experiência como professor nessa disciplina, nas dificuldades pertinentes aos vários tipos de simbologia utilizados em livros relacionados ao tema e no programa oficial existente, o autor finaliza o seu artigo solicitando aos professores a utilização das notações internacionais em suas aulas.

O segundo artigo, que é apresentado pela expressão “Exercícios – complemento didático”, intitulado *Exercícios de geometria*, é de autoria do professor já aposentado Jacomo Stávale,<sup>20</sup> o primeiro autor de matemática da série *Livros Didáticos* da Companhia Editora Nacional. Com uma vendagem naquele momento de 700.000 exemplares, em 140 edições, o professor Stávale tem um lugar de destaque na revista. É o autor que mais escreveu nos primeiros cinco anos da revista, aparecendo em dezenove de seus números. Os seus artigos, entretanto, abordaram apenas três temas: *Exercícios de geometria*, *O uso do compêndio em matemática* e *Frações decimais ou números decimais?* Os dois primeiros temas são desenvolvidos respectivamente em oito e dez fragmentos complementares, totalizando, cada um deles, um artigo de aproximadamente dez páginas. São doses homeopáticas de reflexões do autor acerca de suas experiências didáticas e de sua atividade como autor.

Na primeira série de artigos, intitulada *Exercícios de geometria*, ao mesmo tempo em que reafirma as suas convicções acerca do processo de ensino-aprendizagem da matemática manifestadas explícita ou implicitamente em seus livros, Jacomo Stávale levanta-se em defesa do uso de compêndios nas aulas de matemática, temática que será desenvolvida na sua segunda série de artigos. Após discorrer acerca da importância dos exercícios “teóricos” – teoremas – nas aulas de geometria, que considera “mais valiosos” que os “exercícios numéricos”, pelo fato de contribuírem para o desenvolvimento “da faculdade de raciocinar dos alunos” (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 1, p. 10), o professor-autor considera a aula ditada como a maior responsável pelas dificuldades encontradas pelos alunos na “estrada penosa, aspérrima que é [...] a Geometria Dedutiva” (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 2, p. 21). As “numerosas barbaridades” encontradas durante a correção dos cadernos de apontamentos de seus alunos, ocorridas em decorrência do uso de ditado no início de

sua carreira profissional, teriam levado o professor a se convencer de que “não era possível conseguir dos estudantes um caderno [...] com um mínimo tolerável de erros” e “a escrever compêndios de Matemática”. Para o professor-autor “um compêndio medíocre é cem vezes melhor do que um caderno de apontamentos” (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 3, p. 48).

“Devemos ou não usar compêndio no ensino de matemática?”. Esta questão inicia a segunda série de artigos de Jacomo Stávale na *Revista Atualidades Pedagógicas*, intitulada *O uso do compêndio em matemática*. Após esclarecer que suas reflexões estarão restritas ao curso ginásial, uma vez que “no curso primário o professor é o livro” e que nos cursos médios e superiores “o manuseio de livros [...] é assunto que não se discute”, Stávale antecipa as críticas que certamente surgiriam pelo fato de ser autor de livros didáticos, arriscando alguns prováveis comentários:

*O Prof. Stávale, sendo autor de compêndios para o ensino da Matemática nos cursos ginásiais, é francamente partidário do uso do compêndio e, principalmente, dos seus compêndios; ele está puxando a brasa para a sua sardinha; preocupa-se por demais com o aspecto financeiro do problema; enfim, o que o Prof. Stávale vai desenvolver são considerações de caráter pedagógico-financeiro, lembrando o conhecido brocardo inglês: “Make money; honestly if you can, but make money!”* (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 13, p. 15, grifos do autor)

Para se defender de futuras críticas, o autor apresenta um relato de sua carreira no magistério, enfatizando aspectos relacionados às suas características pessoais, em especial a sinceridade, às dificuldades encontradas, aos esforços empreendidos e aos resultados obtidos. Em seguida, ao começar a abordar a questão central, o professor-autor retoma e aprofunda a discussão acerca das limitações do “método absurdo e ridículo dos famosos pontinhos ditados durante as aulas” e apresenta algumas vantagens do uso do compêndio, tais como: facilidade de acesso aos temas em momentos de necessidade de recordação da matéria, não-desperdício de tempo e cumprimento do programa. Ao final da série, Stávale apresenta algumas reflexões acerca da escolha de um livro pelo professor e das características de um “bom” livro de matemática.

Apesar de considerar a dificuldade de se escolher um compêndio, uma vez que cada professor “tem o seu modo de ensinar e nos compêndios que manejamos nem sempre podemos concordar com a explanação deste ou daquele ponto do programa”, e de afirmar que “um compêndio é perfeito somente... para

o autor” (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 21, p. 10), Stávale busca argumentos em um livro de Carlo Leoni<sup>21</sup> para reforçar a importância de se optar pelo uso do compêndio e justificar que essa opção não restringe a autonomia do professor.

*Alguns professores se rebelam contra o uso do texto, porque não querem submeter, por assim dizer, sua mentalidade à mentalidade do autor e sujeitarem-se a uma reprodução passiva e literal do compêndio. Mas, na escola secundária, este sentimento de falso amor próprio deve ser sacrificado, mesmo porque, não faltam ocasiões ao professor para revelar a segurança do próprio saber e a sua originalidade.* (Leoni apud Stávale, *Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 21, p. 10)

Para Stávale, a condição fundamental para que um compêndio, de matemática ou de qualquer disciplina, fosse considerado de qualidade era ter “uma redação aprimorada”. Para o caso específico da matemática, o autor analisa alguns exemplos de afirmações que podem gerar “interpretações duvidosas e, às vezes, impossíveis” ou que apresentam, em sua opinião, erros matemáticos. É nesse texto que percebemos pela primeira vez a manifestação explícita de Stávale com relação a obras de outros autores. Entretanto, ao contrário da crítica feita por Mello e Souza ao seu livro comentada anteriormente, Stávale não menciona o título do livro, nem a editora ou a autoria. O teor da crítica apresentada, no entanto, parece indicar tratar-se de alguma obra conhecida naquele período, provavelmente de outra editora. Isso ocorre explicitamente em um exemplo relacionado à extensão de uma superfície.

*Admitamos que o professor (ou o autor) que assim se exprimiu, sabe perfeitamente que só se mede uma superfície limitada e que o que se verifica é quantas vezes esta mesma superfície contém a unidade; mas então é forçoso concluir que este professor (ou autor) ou não conhece a nossa língua ou desconhece inteiramente a arte de ensinar. E, em se tratando de um autor, não há negar que o seu compêndio foi escrito sobre o joelho, com finalidades que desconhecemos mas, com toda a certeza, sem a finalidade precípua de lecionar corretamente a bela ciência de Pitágoras.* (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 22, p. 13)

No artigo *Frações decimais ou números decimais?*, provavelmente o último texto escrito por Jacomo Stávale,<sup>22</sup> o autor confirma, intencionalmente ou não, que um dos exemplos utilizados em um de seus últimos artigos foi retirado de um compêndio de Matemática

para a 1ª série do curso ginásial, embora não mencione o autor ou a editora. Apesar de também não explicitar, esse último artigo foi, sem dúvida, uma resposta talvez tardia<sup>23</sup> a uma das críticas apresentadas por Júlio César de Mello e Souza a seu compêndio para a primeira série do curso ginásial, formulada da seguinte forma:

*O Dr. Stávale confunde número decimal com fração decimal e a todo instante fala de operar com frações decimais, quando na verdade está operando com números decimais.* (Tahan, 1962, p. 235)

Em sua resposta, Stávale apresenta uma rápida análise da origem e utilização da terminologia números decimais, com a intenção de reafirmar o seu ponto de vista de que a denominação números decimais é errada e que as frações decimais devem sempre ser “chamadas frações decimais, suprimindo-se definitivamente a denominação números decimais” (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 27, p. 17-8, grifos do autor).

Um outro autor que escreveu no primeiro número da revista, e que foi o segundo a aparecer com maior frequência nos seus primeiros anos, foi o professor Ary Quintella. Inaugurando uma seção intitulada “Questões de Concurso”, o seu primeiro artigo intitula-se *Habilitação à Escola Nacional de Engenharia*. Nesse artigo o professor apresenta a resolução de três questões constantes da “Prova escrita eliminatória de álgebra” e se propõe a enviar aos interessados a solução das demais questões. O professor Quintella escreveria dentro dessa mesma seção dois outros artigos com respostas de questões de provas dos concursos de habilitação à Escola Politécnica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e à Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais.<sup>24</sup>

Além dos artigos dessa seção, o professor Ary Quintella escreveu nos primeiros anos da revista textos intitulados: *Admitirá solução a equação  $\cos x / \sin x = 2 \sin x + 1 / \sin x$ ?* E *O denominado: método geral da tangente da metade*. O primeiro deles foi publicado inicialmente no número 3, maio-junho de 1950, da *Revista Atualidades Pedagógicas*. No número 5 da revista, setembro-outubro de 1950, é publicada uma matéria com o mesmo título, em que o professor Leo Barsotti, “assistente da Escola de Engenharia da Universidade do Paraná”, questiona a posição apresentada por Ary Quintella de insolubilidade da equação. Antes do texto de Barsotti, no entanto, a redação da revista apresenta uma defesa do trabalho de Quintella, argumentando que o autor, que “pessoalmente se incluía entre os especialistas que defendem solução para o problema citado”, considerando o fato de que a revista destinava-se “exclusivamente ao ensino de segundo grau”, optou por apresentar uma solução

que considerava apenas o campo dos reais, “obedecendo à legislação em vigor”. O segundo artigo *O denominado: método geral da tangente da metade*, também teria problemas. Apresentado inicialmente no número 6, novembro-dezembro de 1950, seria reapresentado no número 8, março-abril de 1951. A reapresentação foi causada por “ter sido transcrito com incorreções”, que “foram apontadas pelo professor Cayoby Oliveira de Porto Alegre”. Essas observações e um fragmento de uma carta escrita por Ary Quintella aos editores da revista questionando algumas observações feitas pelo professor Cayoby, embora admitindo a existência de erro em uma fórmula, são colocados em destaque pela revista, dentro de um quadro, e justificam a reapresentação do texto.

Esses problemas parecem não ter comprometido a imagem do autor de livros didáticos da editora, que teria seus livros publicados, ao menos, até o final da década de 1960. Entretanto, provavelmente por uma questão estratégica, Ary Quintella não mais publicaria artigos na *Revista Atualidades Pedagógicas*.

Além do espaço reservado ao autor, uma outra estratégia utilizada pelos editores para divulgar os livros didáticos da editora ocorre por meio da veiculação de textos por eles selecionados acerca de algum evento envolvendo atuais ou futuros autores. Um exemplo desse tipo de estratégia é encontrado no texto intitulado *Plano de aula: poliedro regular*. Sem autoria declarada, esse texto aborda o plano de aula apresentado pelo professor Manuel Jairo Bezerra na “prova didática”, realizada em 23 de agosto de 1951, para o cargo de professor de matemática da Escola de Aeronáutica. Ocupando duas páginas da revista, com fotos da comissão examinadora, da qual faz parte o tenente-coronel Ary Quintella, e do candidato no momento de sua exposição, o texto termina com um grande elogio ao futuro autor de livros didáticos da Companhia Editora Nacional: “o plano de aula da referida prova naquele concurso de seleção de professores foi considerado, por numerosos especialistas, como didaticamente perfeita” (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 11, p. 4). O aparecimento de Ary Quintella, depois de algum tempo dos problemas ocorridos, como membro de uma comissão examinadora, pode ter sido uma estratégia para reforçar a reputação do autor.

A publicação dessa matéria nos dá uma idéia de como os editores da revista estavam atentos às potencialidades de futuros autores de livros didáticos. Para além do interesse em divulgar uma aula “didaticamente perfeita”, estava em jogo um interesse comercial ligado diretamente à atuação e ao sucesso de Jairo Bezerra em seu “Curso Pré-Normal” no Rio de Janeiro, como relembra o autor, em entrevista

concedida a Bigode e Valente (2003, p. 9), sobre o motivo que teria levado a Companhia Editora Nacional a publicar a sua primeira obra, intitulada *Questões de exames de admissão*, em 1953. Para o autor o motivo estaria associado ao fato de “seu curso ser um dos maiores do Rio de Janeiro e com alto índice de aprovação dos candidatos nas melhores escolas”. Para 1953, dentre as “novidades didáticas” apresentadas na revista estava previsto, também, o lançamento do volume da 1ª série ginásial da coleção *Matemática* de Jairo Bezerra. Nesse mesmo ano, Bigode e Valente (2003, p. 9) comentam que

*Jairo organiza e publica livros com muitos exercícios para o secundário. Afinal, comenta Jairo, dizendo ter incentivo da editora: “Por que não elaborar um livro de exercícios para o clássico e científico?” Surgem os volumes Curso de matemática 1º, 2º e 3º colegiais.*

A primeira aparição de Jairo Bezerra como colaborador da *Revista Atualidades Pedagógicas* aconteceu de forma diferenciada das dos demais autores de livros didáticos de matemática. O seu primeiro texto é uma reportagem sobre uma visita por ele realizada no Colégio Imaculada Conceição de Natal, Rio Grande do Norte, dirigido por madre Estephânia Peixoto, irmã de Afrânio Peixoto. Essa reportagem teria sido encomendada pelos editores da revista, dentro de uma prática que já ocorria com instituições mais próximas, de divulgar a atividade educacional do Nordeste brasileiro.

O primeiro artigo de Jairo Bezerra,<sup>25</sup> relacionado à matemática, intitulado “Cálculo das áreas”, discute um algoritmo para calcular analiticamente a área de um triângulo, que o autor considera mais simples do que o “tradicional emprego de um determinante de terceira ordem”. Merece ser observado que, ao invés de um desenho do triângulo, o autor utiliza a fotografia de um material didático que apresenta o triângulo sobre os eixos cartesianos. O uso dessa foto confirma a importância atribuída pelo professor Jairo Bezerra aos materiais concretos no ensino de matemática, posição que se manifestaria de diversas formas e em várias oportunidades e que lhe garantiria um prêmio da Cades – Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, em um concurso realizado em 1956.<sup>26</sup>

Outro autor com previsão de lançamento do primeiro volume de sua coleção *Matemática*, para a 1ª série ginásial, nas “novidades para o ano de 1953” da Companhia Editora Nacional, era Osvaldo Sangiorgi. A sua participação na *Revista Atualidades Pedagógicas* é iniciada no número 28, set./out. de 1954, com o artigo intitulado *Objetivos do ensino de matemática*. Ao primeiro artigo de um jovem e promissor autor de livros didáticos da editora é

dado um destaque especial. Além de ter um espaço maior do que a média de outros artigos, quatro páginas e meia, existe uma nota da redação em destaque sobre a relevância do artigo:

*N. R. – “Atualidades Pedagógicas” tem a satisfação de incluir nesta seção sobre os grandes temas da educação, a colaboração do prof. Sangiorgi a respeito do ensino da Matemática no curso secundário e normal, onde são analisadas, objetivamente, as necessidades mais presentes relativas à aprendizagem da referida matéria, sem dúvida, de relevante importância na formação do cidadão moderno. (Revista Atualidades Pedagógicas, n. 28, p. 9)*

A penetração da revista junto aos professores, particularmente do nível médio e universitário, pode ser avaliada pela presença, já a partir de seus primeiros números, de artigos de professores de vários locais do Brasil que começam a questionar artigos publicados pela revista ou a colocar posições acerca de alguma temática nova. A revista abre espaço para algumas dessas manifestações, propiciando a existência de alguns debates. Esses debates, no entanto, ficam restritos ao âmbito dos questionamentos matemáticos, não ocorrendo discussões acerca de aspectos mais diretamente relacionados ao processo de ensino-aprendizagem da matemática. Artigos com posições bastante diferentes, e muitas vezes divergentes com relação a esses aspectos, convivem de forma aparentemente pacífica no espaço da revista.

## Notas

<sup>1</sup> Tornando-se sócio-colaborador da ABE em 1926, Euclides Roxo seria eleito membro do Conselho Diretor em 1929 e Presidente da Seção de Ensino Secundário em 1931 (Duarte; Machado; Santos; Valente, 2003, p. 80).

<sup>2</sup> Esta conferência foi publicada como o capítulo III, p. 53-85, do livro *Um grande problema nacional*, Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, s. d. Uma transcrição do texto encontra-se no v. 2, n. 2, jun.-dez. 2001 e jan.-dez. 2002, p. 39-60, da *Revista História & Educação Matemática*, publicação da Sociedade Brasileira de História da Matemática – SBHMat.

<sup>3</sup> Trata-se do Primeiro Movimento Internacional para a Modernização do Ensino de Matemática, que se originou com a constituição, durante o Quarto Congresso Internacional de Matemática, realizado em abril de 1908 em Roma, da *Commission Internationale de L'Enseignement Mathématique*. Cf. Miorim, 1998 e Schubring, 1999.

<sup>4</sup> Os títulos dos doze capítulos do livro são: Esboço evolutivo do pensamento matemático; Esboço evolutivo do ensino matemático; Intuição e lógica na educação matemática; O valor da transferência em educação matemática; Os objetivos da educação matemática; Escolha e organização da matéria; Conexão entre as várias partes da matemática e entre esta e as outras disciplinas do curso; A noção de

- função como idéia axial do ensino; Curso propedêutico de geometria intuitiva; Introdução do cálculo infinitesimal no curso secundário; Importância das aplicações na educação matemática e A humanização do ensino da matemática.
- <sup>5</sup> A série *Atualidades Pedagógicas*, no período em que pertenceu à Companhia Editora Nacional – de 1931 a 1978 –, publicou 134 volumes. Apenas um novo título seria publicado após a compra da Companhia Editora Nacional pela IBEP. Cf. Toledo, 2001, p. 9 e p. I-III.
- <sup>6</sup> As séries *Atualidades Pedagógicas* e *Iniciação Científica*, a partir de meados da década de 1940, seriam dirigidas por J. B. Damasco Penna (Hallewell, 1985, p. 298).
- <sup>7</sup> As obras *A matemática na educação secundária*, de Euclides Roxo, e *As pedagogias das matemáticas*, de André Fouché, provavelmente não tiveram nenhuma reimpressão (Toledo, 2001, p. XVI).
- <sup>8</sup> As categorias apresentadas são: administração escolar; a língua pedagógica; educação e biologia, higiene escolar, higiene mental; educação funcional e renovação da escola; educação e sociologia; história da educação e educação comparada; metodologia didática; pedagogia geral e filosofia da educação; psicanálise; psicologia da infância e da adolescência; psicologia educacional; psicologia geral, pura e aplicada; e testes e medidas (Fouché, 1957, p. 148).
- <sup>9</sup> Tendo como sócios José Bento Monteiro Lobato e Octales Marcondes Ferreira, a Companhia Editora Nacional seria oficialmente constituída em 1925. Ao final da década de 1920, ela já era a líder do mercado de livros didáticos para o ensino secundário.
- <sup>10</sup> O autor é apresentado em suas primeiras obras como “professor no Instituto Caetano de Campos, Colégio Santo Agostinho (*des Oiseaux*), Liceu Nacional Rio Branco, Ginásio de S. Bento, Colégio Nossa Senhora de Sião e Colégio Madre Cabrini. Esses livros eram dirigidos aos “cursos ginásiais seriados e das escolas complementares anexas às escolas normais” (Stávale, 1937, página de rosto).
- <sup>11</sup> Pela Reforma Francisco Campos de 1931, o Curso Secundário era composto por dois ciclos: o Fundamental e o Complementar, respectivamente com 5 e 2 anos de duração.
- <sup>12</sup> Os livros de Jacomo Stávale, publicados pela Companhia Editora Nacional, atingiram 150 edições, com um número aproximado de 1.000.000 de exemplares (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 35, p. 2).
- <sup>13</sup> Trata-se da coleção *Mathemática*, de autoria de Cecil Thiré e Mello e Souza, produzida de acordo com a Reforma Campos na década de 1930. O autor Júlio César de Mello e Souza – Malba Tahan – apresenta suas críticas em um artigo intitulado *Um livro ridículo e errado*, publicado originalmente em 1933 no jornal *A Nação* (Tahan, 1962, p. 239).
- <sup>14</sup> Trata-se de André Rocha, professor de matemática do Ginásio Municipal Maria Leite de Corumbá, que publicou um artigo intitulado “Em defesa do prof. Stávale” no jornal *A tribuna*, de Corumbá, em 18-4-1933 (Tahan, 1962, p. 239).
- <sup>15</sup> Pela Reforma Capanema, o curso secundário ficaria dividido em dois ciclos: o ginásial e o científico ou clássico, respectivamente, com quatro e três séries.
- <sup>16</sup> As propagandas buscavam atingir as necessidades profissionais ou pessoais dos professores leitores, apresentando produtos variados, tais como: seguros, anéis, relógios, canetas, lunetas, binóculos, máquina fotográfica, serviços de tipografia, cursos por correspondência, móveis para residências e para escolas, farinha de maisena, Biotônico Fontoura, Farinha Láctea Nestlé, produtos para cabelo, viagens, etc.
- <sup>17</sup> O valor da anuidade era menor do que o preço de um livro de matemática. O livro de Ary Quintella, *Guia de matemática*, em 1950 era vendido por Cr\$ 24,00 (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 1, p. 9). As quatro séries da *Matemática* de Jacomo Stávale, em 1951, eram vendidos, respectivamente, por Cr\$26,00, Cr\$26,00, Cr\$28,00 e Cr\$26,00 (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 8, p. 2).
- <sup>18</sup> Em fevereiro de 1962 a *Revista Atualidades Pedagógicas*, após a publicação de seu número 53, referente ao período de maio a dezembro de 1961, encerra suas atividades.
- <sup>19</sup> “Engenheiro civil e geógrafo pela Escola Nacional de Engenharia. Leciona ciências matemáticas no ‘Instituto de Educação do Distrito Federal’ e é livre-docente da ‘Faculdade Nacional de Ciências Econômicas’” (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 1, p. 5).
- <sup>20</sup> “Professor, diplomado pela antiga Escola Complementar anexa à Escola Normal de São Paulo. Lecionou matemática no Colégio Rio Branco, no Ginásio de São Bento, no Instituto Caetano de Campos, no Colégio N. D. de Sion” (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 1, p. 10).
- <sup>21</sup> Trata-se do livro *La matemática nel suo insegnamento primário e secondario*, publicado em Milão pela Editora Francisco Valardi (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 20, p. 4).
- <sup>22</sup> O professor Jacomo Stávale faleceu no mês de dezembro de 1955, aos setenta e cinco anos de idade. A *Revista Atualidades Pedagógicas*, em seu número 35, setembro-dezembro de 1955, presta uma homenagem ao professor-autor, enaltecendo suas qualidades profissionais e sua importância para o ensino de matemática do curso secundário brasileiro (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 35, p. 2).
- <sup>23</sup> A intensidade e a duração da disputa ocorrida entre esses dois autores pode ser avaliada pela publicação em edições do livro de Malba Tahan intitulado *Matemática divertida e delirante* do início da década de 1960 dos artigos *Um livro ridículo e errado* e *Em defesa do prof. Stávale*, com o acréscimo de comentários de Malba Tahan, em notas de rodapé, datadas do início da década de 1940.
- <sup>24</sup> Esses concursos, antigos vestibulares, constavam de provas escritas e orais. A avaliação era realizada por uma “banca examinadora” oficialmente constituída e o aluno seria considerado aprovado se obtivesse média final igual ou superior a cinco e não tivesse “na apreciação por matéria, nota inferior a três” (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 1, p. 46).
- <sup>25</sup> “Licenciado pela FNF da UB; professor do Colégio Pedro II e diretor técnico do Colégio Metropolitano (DF); autor de *Questões de Admissão* e *Curso de Matemática, para o curso colegial* (3. v.), todos editados pela Companhia Editora Nacional” (*Revista Atualidades Pedagógicas*, n. 27, p. 27).
- <sup>26</sup> O trabalho premiado de Jairo Bezerra seria publicado pela Cades – Ministério da Educação e Cultura, sob o título *Didática da matemática*.

### Referências

- BEZERRA, M. J. *Didática da matemática*. 2. ed. MEC-Cades, 1962.
- BIGODE, A. J. L.; VALENTE, W. R. O tijolão, o Bezerrão: histórias de Jairo Bezerra, histórias da educação matemática. *Educação Matemática em Revista*, ano 10, n. 13, p. 4-12.
- DUARTE, A.; MACHADO, R.; SANTOS, V.; VALENTE, W. *O nascimento da matemática do ginásio*. Edição Preprint. Rio Claro: SBHMat, 2003. (Coleção História da Matemática para Professores).
- DUTRA, E. de F. Companhia Editora Nacional: tradição editorial e cultura nacional no Brasil dos anos 30. Disponível no site do *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*, ocorrido de 8 a 11 de novembro de 2004 na Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro.
- FOUCHÉ, A. *A pedagogia das matemáticas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1957.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.
- MIORIM, M. A. *Introdução à história da educação matemática*. São Paulo: Atual, 1998.
- PEIXOTO, A. et al. *Um grande problema nacional: estudos sobre o ensino secundário*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, [s. d.]
- REVISTA ATUALIDADES PEDAGÓGICAS. São Paulo: Ed. Nacional, ano I, n. 1, p. 1-48, jan./fev. 1950.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano I, n. 2, p. 1-48, mar./abr. 1950.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano I, n. 3, p. 1-48, maio/jun. 1950.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano I, n. 4, p. 1-48, jul./ago. 1950.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano I, n. 5, p. 1-48, set./out. 1950.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano I, n. 6, p. 1-48, nov./dez. 1950.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano II, n. 7, p. 1-48, jan./fev. 1951.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano II, n. 8, p. 1-48, mar./abr. 1951.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano II, n. 9, p. 1-48, maio/jun. 1951.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano II, n. 10, p. 1-48, jul./ago. 1951.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano II, n. 11, p. 1-48, set./out. 1951.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano II, n. 12, p. 1-48, nov./dez. 1951.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano III, n. 13, p. 1-40, jan./fev. 1952.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano III, n. 14, p. 1-48, mar./abr. 1952.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano III, n. 15, p. 1-48, maio/jun. 1952.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano III, n. 16, p. 1-48, jul./ago. 1952.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano III, n. 17, p. 1-48, set./out. 1952.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano III, n. 18, p. 1-48, nov./dez. 1952.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano IV, n. 19, p. 1-40, jan./fev. 1953.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano IV, n. 20, p. 1-40, mar./abr. 1953.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano IV, n. 21, p. 1-40, maio/jun. 1953.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano IV, n. 22, p. 1-40, jul./ago. 1953.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano IV, n. 23, p. 1-32, set./out. 1953.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano IV, n. 24, p. 1-32, nov./dez. 1953.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano V, n. 25, p. 1-48, jan./fev. 1954.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano V, n. 26, p. 1-40, mar./abr. 1954.

- REVISTA ATUALIDADES PEDAGÓGICAS. São Paulo: Ed. Nacional, ano V, n. 27, p. 1-40, maio/jun. 1954.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano V, n. 28, p. 1-40, jul./ago. 1954.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano V, n. 29, p. 1-48, set./out. 1954.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano V, n. 30, p. 1-48, nov./dez. 1954.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano VI, n. 35, p. 1-72, set./dez. 1955.
- \_\_\_\_\_. São Paulo: Ed. Nacional, ano VIII, n. 40, p. 1-44, jan./abr. 1957.
- ROXO, E. *A matemática na educação secundária*. São Paulo: Ed. Nacional, 1937.
- \_\_\_\_\_. A matemática e o curso secundário. *História e Educação Matemática*, v. 2, n. 2, p. 39-60, jun./dez. 2002, jan./dez. 2003.
- SCHUBRING, G. O primeiro movimento internacional de reforma curricular em matemática. *Zetetiké*, v. 7, n. 11, p. 29-50, jan./jun. 1999.
- SOUZA, R. M. de. *Um estudo sobre as influências do Primeiro Movimento Internacional de Modernização do Ensino de Matemática nos livros didáticos brasileiros*. Relatório final de iniciação científica à FAPESP. Campinas: Unicamp, 1998.
- STÁVALE, J. *Segundo ano de mathematica*. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1937.
- \_\_\_\_\_. *Exercícios de matemática: quinto ano*. São Paulo: Ed. Nacional, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Exercícios de matemática: terceiro ano*. São Paulo: Ed. Nacional, 1942.
- \_\_\_\_\_. *Primeiro ano de mathematica*. 18. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1942.
- TAHAN, M. *Matemática divertida e delirante*. São Paulo: Saraiva, 1962.
- TOLEDO, M. R. de A. *Coleção atualidades pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. Tese (Doutorado). PUC-SP, São Paulo.
- VALENTE, W. R. Controvérsias sobre educação matemática no Brasil: Malba Tahan *versus* Jacomo Stávale. *Cadernos de Pesquisa*, n. 120, p. 151-167, nov./2003.

Sobre a autora:

**Maria Ângela Miorim** é docente da Faculdade de Educação/Unicamp e membro do grupo de pesquisa História e Filosofia da Educação Matemática (Hifem).

